

Guilherme Campelo. Diretor de Licenciamento da Superintendência Nacional de Previdência Complementar – PREVIC

O aumento da expectativa de vida impõe um novo paradigma para os fundos de pensão. Mais do que garantir a sustentabilidade econômico-financeira dos planos, as Entidades Fechadas de Previdência Complementar (EFPC) precisam atuar como promotoras de uma longevidade ativa, saudável e financeiramente segura. Este artigo analisa os impactos do envelhecimento populacional na gestão previdenciária e propõe estratégias que integram a educação financeira ao bem-estar integral dos participantes.

A transição demográfica no Brasil deixou de ser uma projeção para se tornar realidade corrente. Dados recentes apontam que a população idosa cresce a passos largos, redefinindo o conceito de aposentadoria. Antigamente vista como o fim do ciclo produtivo, hoje ela representa o início de uma nova fase que pode durar três décadas ou mais.

Diante desse cenário, as EFPC enfrentam um duplo desafio: mitigar os riscos atuariais advindos do aumento da sobrevida dos participantes e, simultaneamente, oferecer ferramentas para que esses anos adicionais sejam vividos com dignidade, saúde e qualidade de vida.

Para os gestores de previdência complementar, a longevidade é tradicionalmente medida como o "risco de sobrevivência" – a probabilidade de o participante viver mais do que o provisionado pelas

tábuas de mortalidade vigentes. Esse descompasso pressiona os planos de Benefício Definido (BD) e exige estratégias de conversão de renda mais conservadoras nos planos de Contribuição Definida (CD) e Contribuição Variável (CV).

As fundações de previdência privada têm uma proximidade única com seus participantes, construída ao longo de carreiras inteiras. Essa relação de confiança permite que a entidade atue não apenas como pagadora de benefícios, mas como um hub de soluções para a vida pós-carreira.

A qualidade de vida na longevidade sustenta-se em um tripé fundamental, educação previdenciária e financeira, saúde física e mental, bem como propósito e inserção social, e as EFPC possuem canais para fortalecer cada um desses pilares para que obtenha êxito.

A educação financeira não deve cessar no momento da concessão do benefício. O assistido necessita de orientação sobre gestão de patrimônio na fase de desinvestimento, planejamento sucessório e prevenção a fraudes financeiras – um problema crescente que afeta a estabilidade emocional e financeira do público idoso.

Diversas entidades já perceberam que investir na saúde preventiva do participante reduz a sinistralidade de planos de saúde de autogestão (frequentemente ligados às mesmas empresas instituidoras) e melhora a qualidade de vida geral. Programas de estímulo à atividade física, nutrição adequada e check-ups regulares são fundamentais.

O isolamento social é um dos maiores gatilhos para quadros de depressão e declínio cognitivo na terceira idade. Estimular o voluntariado, o empreendedorismo sênior e a educação continuada reinserem o aposentado na comunidade, conferindo novos sentidos à rotina.

Garantir uma longevidade com qualidade de vida nas EFPC exige que o setor de previdência complementar adote uma visão holística e humanizada de seus segurados. Ao equilibrar a solidez técnica e atuarial com investimentos reais no bem-estar físico, mental e financeiro dos participantes, as entidades cumprem seu verdadeiro papel social: transformar o acúmulo de patrimônio de uma vida inteira em uma velhice genuinamente plena, ativa e sustentável.



Guilherme Campelo. Diretor de Licenciamento da Superintendência Nacional de Previdência Complementar – PREVIC

(12.11.2026)